

CORREIO NO MUNDO

Bruno Poletti/Folhapress



Zúñiga integrou Conselho de Segurança da gestão Obama

Invasão de Cuba seria 'erro histórico' dos EUA, diz Zúñiga

Durante a guerra no Irã, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, voltou a sinalizar que Cuba pode ser o próximo alvo de sua política externa agressiva. "Cuba é a próxima", afirmou o republicano em março. E, embora tenha pedido que repórteres ignorassem a declaração, a repetiu logo em seguida. Ele não especificou o que planeja fazer com a ilha. De lá para cá, as ameaças continuaram e, no dia 1º de maio, Washington ampliou as sanções contra o regime.

As novas medidas visam pessoas e entidades que apoiam o aparato de segurança do regime cubano ou que seriam cúmplices de corrupção ou de graves violações dos direitos humanos.

Intervenção em Cuba não se sustentaria

Trump já chegou a afirmar que seria uma "honra tomar Cuba". O país, que enfrenta há décadas um embargo americano e passou a sofrer restrições ainda mais severas, reagiu com preocupação. Sem entrar em detalhes, o regime afirmou que se prepara para o pior cenário. Para Ricardo Zúñiga, ex-integrante do Conselho de Segurança Nacional no governo de Barack Obama (2009-2017), a ideia de uma intervenção militar americana não se sustenta.

Casa Rosada



Miguel Díaz-Canel teve de lidar com ameaças de Trump

Endurecer sanções não faz sentido

"Isso não faz sentido. Cuba é um país muito nacionalista e nem governo nem oposição desejam uma ocupação americana. Também não há interesse real da sociedade dos EUA nisso. Essa ideia é isolada e equivocada", afirma Zúñiga, que manteve negociações secretas com o regime cubano quando atuava na gestão do democrata. "[Uma ação militar contra Cuba] seria um erro histórico". Zúñiga questiona o próprio endurecimento das sanções. "Já enfraqueceram bastante Cuba. Transformar o país em algo próximo ao Haiti não faz sentido, ainda mais sendo um vizinho tão próximo."

Modelo "fracassou completamente"

Segundo Zúñiga, o modelo econômico do país "fracassou completamente". "Não há perspectiva de futuro dentro desse modelo. Ao mesmo tempo, as sanções dos EUA agravam o cenário, pois têm justamente o objetivo de prejudicar a economia. A combinação desses dois fatores levou cerca de 90% da população à pobreza extrema".

Por Isabella Menon (Folhapress)

Deportado

O Ministério das Relações Exteriores de Israel afirmou neste domingo (10) ter deportado o brasileiro Thiago Ávila e o palestino-espanhol Saif Abu Keshek. Ávila e outros três brasileiros participaram da flotilha que pretendia levar ajuda humanitária à Faixa de Gaza, capturada por forças israelenses no final de abril.

Sem violações

"Saif Abu Keshek e Thiago Ávila, da flotilha de provocação [tradução literal], foram deportados hoje de Israel", publicou o Ministério das Relações Exteriores israelense no X, acrescentando que as autoridades concluíram uma investigação os dois e que "não permitirão nenhuma violação" do bloqueio a Gaza.

Brasileiros

O grupo teria sido interceptado em águas internacionais, nas proximidades da ilha de Creta, na Grécia. No total, 175 pessoas, de várias nacionalidades, foram detidas, informou Tel Aviv. Além de Ávila, os outros brasileiros que foram detidos por Israel são Amanda Coelho Marzall, Leandro Lanfredi de Andrade e Thainara Rogério.

Estreito de Hormuz

O Reino Unido informou no sábado (9) que vai deslocar para o Oriente Médio um destróier, o HMS Dragon, como parte de preparativos para uma missão que visa proteger o transporte marítimo no estreito de Hormuz. A mobilização ocorre após a decisão da França de deslocar seu grupo de ataque de porta-aviões para o sul do Mar Vermelho.

Ação coordenada

A medida faz parte de uma ação coordenada entre França e Reino Unido, que articulam uma proposta para viabilizar uma passagem segura pelo estreito assim que houver estabilização da situação na região. O plano dependeria de coordenação com o Irã, e cerca de 12 países já manifestaram interesse em participar da iniciativa.

Marinha em baixa

A capacidade do Reino Unido de integrar uma eventual missão será limitada pelas restrições enfrentadas pela Marinha Real, atualmente sobrecarregada e muito menor do que em décadas anteriores. Atualmente, a Marinha britânica conta com 38 mil militares e opera dois porta-aviões e uma frota de 13 destróieres e fragatas.



Guerra no Oriente Médio vem se mostrando lucrativa

Guerra aumenta importação de petróleo

Com guerra no Irã, Brasil volta a recorrer a Rússia e EUA por diesel

O Brasil vêm recorrendo à Rússia e aos Estados Unidos para suprir suas necessidades de diesel, desde que as importações do combustível foram suspensas, devido ao acirramento do conflito no Oriente Médio e o fechamento do Estreito de Ormuz, em março. Segundo dados do sistema Comex Stat, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), a compra do combustível russo mais que dobrou em dois meses.

Em março e abril, o Brasil importou US\$ 1,76 bilhão em diesel, 81,25% da Rússia (US\$ 1,43 bilhão). Em segundo lugar, vêm os EUA, com 6,42% (US\$ 112,92 milhões). Ao considerar apenas abril, a participação russa é ainda maior. O Brasil comprou US\$ 924 milhões de diesel do país (89,84% do total) e US\$ 104,44 milhões dos Estados Unidos (10,98%). Completa a lista a importação de US\$ 4.264 do Reino Unido, com participação de apenas 0,001%.

Em março, o Brasil conseguiu importar diesel do Oriente Médio, por causa de navios que haviam saído do Golfo Pérsico antes do início do conflito. No mês retrasado, o país comprou US\$ 111,89 milhões dos Emirados Árabes Unidos (15,7% do total importado em março) e US\$ 99,23 milhões da Arábia Saudita (13,57%).

Em relação à Rússia, a importação de combustível mais do que duplicou. Em fevereiro, o Brasil havia comprado US\$ 433,22 do país. O valor saltou para US\$ 505,86 em

março e aproximou-se de US\$ 1 bilhão em abril.

Para lidar com os efeitos da guerra sobre o preço do diesel aos consumidores, o governo tomou uma série de medidas. Em março, uma medida provisória concedeu R\$ 10 bilhões de subsídios para a importação e a comercialização do produto. Além disso, um decreto assinado pelo presidente Lula zerou o Programa de Integração Social (PIS) e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) para o combustível, com impacto de R\$ 20 bilhões sobre a arrecadação federal.

O corte dos impostos deve reduzir o valor do litro em R\$ 0,32 na refinaria. Já a subvenção aos produtores e importadores deve ter impacto de mais R\$ 0,32 por litro.

Segundo a equipe econômica, as perdas de recursos com as desonerações foram cobertas pelo crescimento na receita de royalties de petróleo, impulsionadas pela disparada na cotação do barril.

Em abril, a equipe econômica criou um programa para que os estados reduzam o Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre o diesel importado, bancado metade pelos estados e metade pela União. Embora o governo tenha prorrogado o prazo de adesão até a última terça (5), apenas Rondônia não aderiu ao acordo. A medida reduz o preço do litro do diesel em R\$ 1,20 na bomba.

Por Wellton Maximo (Agência Brasil)